

público a oportunidade não só de aproximar-se de documentação inédita, como, o que é muito importante, a de entrar em contato com o processo de produção da obra que lhe é oferecida.

Pensamos que a informação "edição crítica" na página de rosto deveria, portanto, ser substituída por "edição genética", pois não é do estabelecimento de um texto, mas da gênese de um conto, através do estudo de manuscritos, que trata o trabalho conforme lemos (e grifamos) na Introdução: "Os textos jornalísticos [de Vida do Cantador] têm seu caráter de recortes mudado em originais, manuscritos semelhantes aos 'exemplares de trabalho', onde, sobre os textos impressos, Mário de Andrade cuida da refusão." (p. 29)

Neuma Cavalcante

Supervisora de Editoração-IEB-USP

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-concoenta. Catálogo de exposição. São Paulo, IEB/SMC, 1992.

Por dois meses, entre agosto e setembro de 1992, o Centro Cultural São Paulo abrigou uma grande exposição sobre Mário de Andrade — *Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta* — integrante de um conjunto de projetos da Secretaria Municipal de Cultura especialmente concebidos para focar o V Centenário dos Descobrimentos à luz dos movimentos de reapropriação identitária, de Tiradentes à Semana de Arte Moderna, que responderam entre nós à situação de conquistados, ou de nação falada por outrem.

Tomado como eixo para desenvolvimento desse enfoque em múltiplas direções - artísticas e críticas, de criação e pensamento — o marco de 1922 impunha a figura de Mário de Andrade enquanto iluminadora poderosa da totalidade dos caminhos a percorrer, uma vez que Mário os percorreu todos: artista da palavra, crítico de literatura e de artes, historiador das artes, pensador da cultura erudita e da popular, pensador da relação entre elas, folclorista, musicólogo, colecionador, viajante, dirigente cultural e correspondente monumental. E que os percorreu praticando uma expressão brasileira escrita, pela qual ousávamos uma fala em língua própria, ou tratávamos de nos falar.

Não quiseram os organizadores entronizar o patrono da moderna cultura brasileira, porém, antes, aproveitando a oportunidade dos cinco séculos das grandes viagens, destituí-lo do papel de modernista oficial, às voltas com um combate unívoco, para lhe devolver o de sujeito embaraçosamente dividido — "eu sou trezentos" — este sim à altura de seu tempo de revoluções, e do nosso, de comemorações.

Para oferecer à cidade esse outro Mário, enredado em seus "outros", a Secretaria Municipal de Cultura, que foi um dia a casa do escritor, buscou a colaboração do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em cujas dependências, no campus, se organiza e guarda o precioso Arquivo Mário de Andrade.

Foi desse acervo — composto de manuscritos, edições originais, fotos, correspondência, inclusive a lacrada, objetos pessoais, coleção de arte brasileira e estrangeira, produtos de viagens de trabalho e bibliografia vasta — que saiu o material necessário ao desenho, concebido pelos pesquisadores do IEB, sob a direção da curadora, Prof^a Telê Ancona Lopez, de uma "autobiografia", traçada como um "Mário de Andrade por ele mesmo". Pelo projeto visual, encomendado pela Secretaria ao escritório de arquitetura Julio Abe, a disposição por justaposição de 80m² de painéis cobertos de textos e imagens instalou um livro aberto no piso superior do Centro Cultural.

Ao longo dos dois meses em que a exposição foi proposta ao público, uma série de 34 depoimentos, repartidos por temas e disciplinas, feitos por familiares, amigos, editores e interlocutores das mais diversas procedências, foram ouvidos e registrados. Procedia-se assim, paralelamente, por iniciativa do IEB, ao recolhimento de uma memória, nunca antes sistematizada, dos que privaram com o autor de *Macunaíma*. Uma memória capaz de desvelar, por exemplo, aspectos do itinerário marioandradino à época do auto-exílio no Rio de Janeiro.

O catálogo da exposição, projeto gráfico, assim como o cartaz, do premiado João Batista da Costa Aguiar, vale como belo testemunho da exposição. Instrumento de trabalho doravante, reunindo imagens, uma cuidadosa cronologia e o ensaio de Telê Ancona Lopez "O riso e o rictus", o catálogo ganha lugar nas estantes dos estudiosos do Multimário.

Sob a guarda do IEB, a exposição cumpre agora o destino que, desde a concepção, lhe foi atribuído: um programa de remontagens, preocupado com a repartição cidadã de um bem cultural que é trazido de um campus universitário para a cidade.

Leda Tenório da Motta

Professora de Literatura Francesa e Comparada
Crítica Literária